



A grande peregrinação nacional

O dia 13 de Maio último ficará assinalado nos fastos da vida católica em Portugal como um dos mais notáveis pela concorrência de peregrinos ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima.

Cerca de quatrocentas e cinquenta mil pessoas ajoelham no chão abençoado da Cova da Iria, oferecendo à Virgem Santíssima a homenagem das suas preces, dos seus cânticos, dos seus sacrifícios e dos seus donativos.

O dia esteve límpido e de sol doirado.

Muitos combóios ordinários tiveram de ser desdobrados por causa da afluência extraordinária de peregrinos. Em vários pontos do país foram organizados combóios especiais. Dezenas de milhares de automóveis e auto-carros auxiliaram o enorme tráfego para a Cova da Iria.

Milhares e milhares de devotos, de muitas léguas de distância, fizeram o percurso a pé, indiferentes ao calor e à fadiga, através de montes e vales, rezando, a sós ou em cântico, o terço do Rosário e entoando os louvores da gloriosa Senhora aparecida. Pelas estradas, caminhos e veredas, que conduzem à Lourdes portuguesa passa um formigueiro humano interminável que se utiliza de todos os meios de transporte.

Fátima foi, mais uma vez, o grande altar nacional das preces individuais e colectivas pela paz e foi-o precisamente no mês que o Santo Padre Pio XII escolheu por ser período propício para essa generosa cruzada.

De véspera

Já na véspera, às primeiras horas do dia, começavam a chegar, de perto e de longe, numerosas peregrinações com os seus estandartes e distintivos.

Sacerdotes vindos de toda a parte celebram Missa nos cinquenta altares do Santuário e distribuem a Sagrada Comunhão aos fiéis dispostos em longas e intermináveis filas.

No Albergue dos peregrinos há, como de costume nestes dias grandes, um movimento extraordinário.

Muitos médicos observam os doentes para efeito do seu internamento no Albergue e da sua inscrição em ordem à assistência

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

Portugal aos pés de N. S. da Fátima

em lugar reservado à bênção eucarística.

Os clínicos que obsequiosamente prestaram os seus serviços aos doentes foram entre outros os srs. drs. Pereira Gens, António Ferreira Marques, Carlos Martins Tôrres Franco, Augusto Mendes, Diogo Cortês, Herculano da Conceição, Gualdino Queiroz, Alfredo José de Campos, José Gonçalves Pais, Eurico Lisboa, Carlos de Figueiredo, José Duarte Mendes, António Vaz Serra, Vicente Marques Cadete, Licínio de Abreu Freitas, José de Carvalho Mar-

nada, o cortejo chega finalmente às escadarias da Basílica. O espectáculo, grandioso e belo, é impossível de escrever, na sua sumptuosidade admirável.

Cantado o Credo em cântico pela multidão aglomerada, principia a adoração solene do Santíssimo Sacramento, com nova recitação do terço do Rosário, acto cheio de piedade edificante em que centenas de milhares de fiéis, ajoelhados ao ar livre no solo pedregoso do recinto sagrado, suplicam a Jesus-Hóstia, por intercessão de sua augusta Mãe. Rainha do Céu

súplica que em todos os recantos da nossa terra se ergue neste dia à Rainha do Céu pedindo a depuração dos costumes e a pacificação das famílias e das nações.

Na Fátima aprendem-se os métodos de combater para restaurar Cristo nas almas, para restabelecer o reinado social de Jesus e destruir o paganismo renascente.

Atravessamos uma hora dolorosa, porque são muito poucos os cristãos que vivem vida cristã.

Desde o vestuário aos divertimentos, por toda a parte o paganismo se revela. Urge voltar aos

Rosário, sob a presidência de Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria, efectuou-se uma sessão de propaganda da J. C. F..

Discursaram as senhoras D. Júlia Guedes, presidente nacional daquele organismo, D. Margarida Ginjeira Dias, presidente diocesana da J. A. C. do Algarve, e D. Maria Henriqueta Proença Sobral Cid, presidente diocesana da J. E. C. de Viseu.

Em seguida foi rezada em cântico a oração pela família.

Por fim o ilustre presidente da sessão encerrou os trabalhos com uma alocução cheia de salutarens ensinamentos e conselhos, sendo ao terminar saudado pela assistência com uma prolongada salva de palmas.

A missa do meio dia

A bênção dos doentes

Ao meio-dia, a multidão tornou a rezar o terço em cântico junto da capela das aparições em torno da qual muitas pessoas andavam de joelhos a cumprir promessas.

Os aviões voltaram a aparecer no espaço formados em esquadriha. Pertenciam às quatro bases de Sintra, Arrente, Tancos e Ota.

Pouco depois das 13 horas, saíu o andor com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima em direcção ao altar exterior da Basílica, repetindo-se durante o percurso o agitar dos lenços da multidão, em homenagem à Santíssima Virgem.

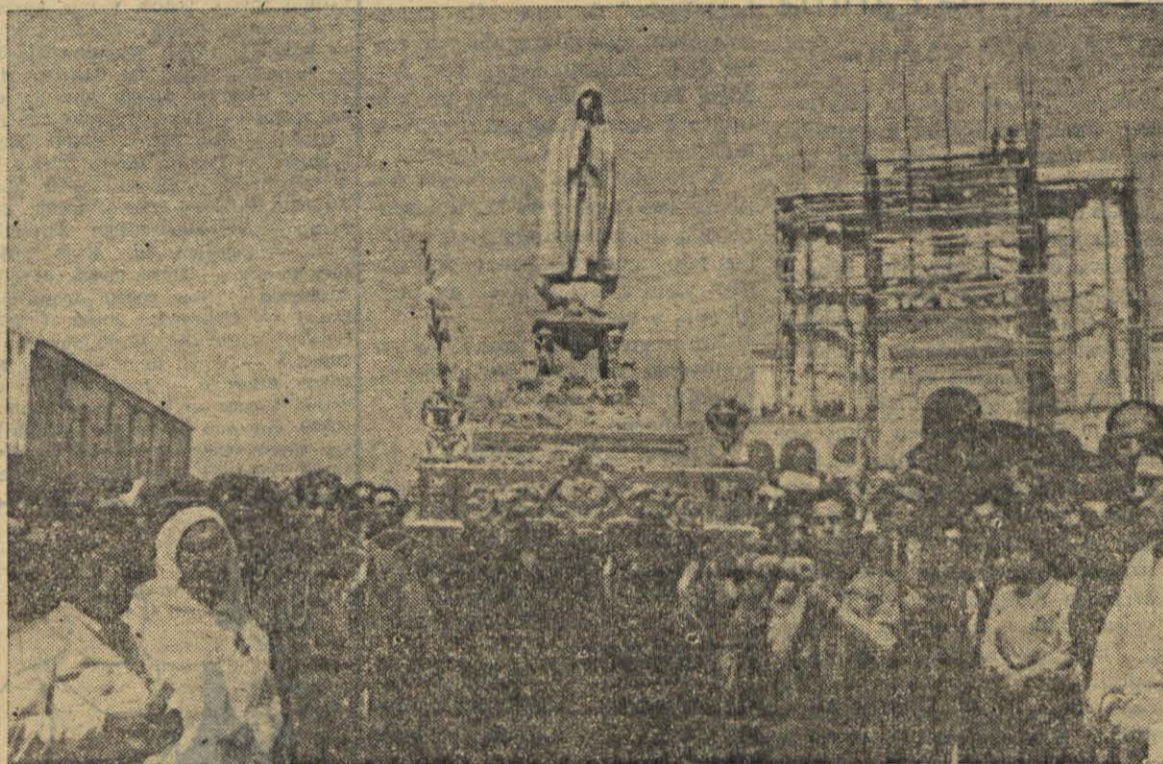
Seguiu-se a Missa dos doentes que foi celebrada por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor D. António Antunes, venerando Bispo-Conde de Coimbra, com a assistência dos ilustres Prelados já referidos. O Santo Sacrifício é aplicado por duas intenções, especiais: pelos doentes presentes e ausentes e pela paz universal.

Ao longo da escadaria viam-se os estandartes da J. C. F. e as bandeiras e pendões das diversas peregrinações.

Prêgou ao Evangelho Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria.

O venerando Prelado exalta a figura da Virgem Santíssima. Referiu os episódios da sua primeira aparição. No rosto, sereno e grave, duma formosura incomparável, pairava uma leve sombra de tristeza. Nas mãos segurava um lindo rosário de contas brancas como a luz do sol. De todo o corpo irradiava uma luz deslumbrante. Que doce diálogo se trava entre ela e os humildes pastorinhos! E a augusta Senhora convidou-os a tornar àquele local até Outubro

Cont. na 2.ª pág.



Peregrinação de Maio

Um aspecto da procissão vendo-se ao fundo a igreja em construção

ques, Carlos da Conceição, Luís Santos Nunes, José Azevedo Antunes e as sras. dras. D. Rosa Birra e D. Mercedes de Figueiredo.

Mais de duzentos sacerdotes unem de confissão os fiéis.

As 15 horas, surgem no espaço três aviões cujos tripulantes deixam cair sobre o Santuário ramos de lindos cravos.

É a homenagem dos nautas do ar a Nossa Senhora da Fátima que a multidão saúda agitando os lenços.

A procissão das velas e a Adoração Nocturna

As 21 horas, começa a organizar-se, junto da capela das aparições, a procissão das velas em que se incorporam muitas dezenas de milhares de pessoas com velas acesas. Durante o percurso os fiéis rezam o terço e cantam o *Avê de Fátima*, numa vibrante e comovente manifestação de fé. Depois de colear, lenta e majestosamente, pelas avenidas da espla-

da terra, graças e bênçãos para os seus lares e a paz na justiça e na caridade para o mundo nesta hora tão conturbada da história da humanidade.

Assistem à comovedora cerimónia o Senhor Arcebispo de Évora e os Senhores Bispos de Leiria, Coimbra e Algarve.

Nos intervalos das dezenas, o rev. P.^o Domingos da Apresentação Fernandes, assistente nacional da J. C. F., proferiu cinco alocuções comentando os mistérios gozosos do Rosário.

«A Acção Católica, diz o orador, foi criada para combater o neo-paganismo. O venerando Episcopado, vendo a crise de pudor que o mundo atravessava, soltou um brado de alarme e lançou a todo o país fervoroso apêlo a favor dos bons costumes. E, para tornar esse apêlo mais eficaz, colocou-o sob a protecção da Virgem Santíssima, Mãe dos cristãos, a figura máxima da campanha da família.

Três mil raparigas da J. C. vieram a Fátima para reforçar a

costumes antigos, costumes de pureza. Para isso, é mister recorrer a Maria Santíssima e imitar o seu exemplar.

Depois da adoração solene, várias peregrinações realizaram outros turnos de adoração, rezando o terço e outras orações e entoando cânticos.

Entretanto, já noite cerrada, alguns aviões voltaram a sobrevoar a Cova da Iria e a lançar flores sobre o Santuário.

Missas, Comunhões, a J. C. F.

As 5 horas, quatrocentos sacerdotes começaram a celebrar as Missas, ao mesmo tempo que dezenas deles distribuem o Pão dos Anjos aos fiéis que se ajoelham para comungar em número de cerca de quarenta mil. A Missa da comunhão geral foi celebrada por Mons. Porfírio Cordeiro, antigo reitor do Colégio Português em Roma e actualmente pároco da freguesia de Santa Isabel, de Lisboa.

As 10 horas, na escadaria do

PALAVRAS MANSAS ARTE ANTIGA

Li com muito prazer a notícia da visita do sr. Doutor Carneiro Pacheco, ministro da Educação Nacional, ao mosteiro de São João de Tarouca, para ver a igreja em vagaroso restauro e para dar ao povo a garantia de que alguns quadros preciosos, entre os quais o São Pedro de Gran-Vasco, depois de saneados em Lisboa, serão devidamente restituídos à sua localização primitiva.

O povo da freguesia quer bem a esses quadros. Familiarizou-se com a sua beleza rara e vê que, para os ver e admirar longamente, vai muita gente ao mosteiro perdido, como o de Lorvão, no dizer de Herculano, entre as serranias da Beira...

Como a despregagem dos quadros, pelo seu valor e pelo seu encaixe na talha, não seria muito fácil, se alguém pretendesse tirá-los de lá, à viva força, para cumprir ordens operadas, terminantes, ao toque dos sinos a rebate, o povo viria para a rua bater-se por eles com todas as armas de que pudesse dispor.

Os quadros já eram do povo, do amor e da devoção do povo, quando o velho mosteiro cisterciense, coevo da fundação da monarquia, tinha vida — reza perene, observância, monges brancos: Santa casa e centro de cultura. O povo encontrava lá, todos os dias, verdade, beleza e pão.

Foram-se os monges para desgraça do povo, que se sentiu pela primeira vez verdadeiramente pobre, esquecido, abandonado. A casa de todos, posta súbitamente em injusta e sacrílega almoeida, converteu-se em casa dum só, desvanecido com a sua aquisição, cioso da sua posse. Um proprietário a mais na freguesia, inteiramente feito com os vencedores do momento, admirador e compadre, talvez, do Mata-frades...

A escola, a botica, a rouparia, o celeiro do convento, para o povo na miséria, ficaram sendo apenas recordação e saudade. Mas que recordação dolorosa e que saudade pungente! Como já notou Dante, a miséria dá um trágico relêvo à evocação do bem que se teve e se perdeu...

Foi há muitos anos. Muitos viram. Outros ouviram contar. Conta-se ainda por lá...

No dia da expulsão sacrílega e deshumana, os derradeiros monges, combatidos pela doença e pela idade, foram subindo vagarosamente as encostas, sem saberem bem para onde iriam nem o que o mundo queria deles. Deixaram atrás de si — para sempre?!... — tudo, quasi tudo o que lhes dava valor e sentido à vida — a igreja e a regra, a cela e a clausura, os livros, os códices, os quadros, as árvores, as flores... No encêrro e na quietação do mosteiro, a morte seria menos amarga do que essa separação lancinante.

Os monges foram morrendo num destêrro duro e sem fim, que até os que tinham família sentiram profun-

damente. O inquisidor-mor liberal, Joaquim António de Aguiar, aparentemente mais feliz, foi grande de Portugal e tem uma estátua em Coimbra. Fêz êste umas lições de direito, que ninguém celebra nem recorda. Um professor, como tantos. Foi glorificado por ser um demolidor sem entranhas e sem escrúpulos, um audacioso e obstinado semeador de ruínas.

Mas nem por isso deixou de ter razão Alves Martins, futuro Bispo de Viseu, quando lhe disse um dia em pleno parlamento: «pode estar certo de que a posteridade há-de pronunciar o seu nome com horror».

O convento incendiado transformou-se depois numa das ruínas mais interessantes e belas de Portugal, por ter sido edificado em cima de pontes lançadas sobre um regato, que corria muito lá em baixo, o que só podia justificar-se pelo facto de um sinal do céu ter apontado aquêle estranho local a João Cirita, como refere a lenda dourada de Cister.

Ainda vi o refeitório dos monges destelhado e sem pavimento regular, mas conservando o púlpito do leitor e todo o rodapé de azulejos. A pequena distância, para leste, à margem do regato, preciosas ruínas românicas, da fundação primitiva.

Pois bem; tudo isso, desapareceu. A norte da igreja, vê-se hoje apenas um extenso e gordo lameiro!

Desde a expulsão dos monges ficou em São João de Tarouca uma tristeza que, tamisa a luz do dia e chora nas águas correntes e geme no vento que investe com os restos do mosteiro... Terra pobre e sem horizontes, desbravada e feita cristã e portuguesa pelos monges. Deve-lhes tudo. O que hoje ainda vale resultado do longo passado, que viveu identificada com eles no trabalho e na fé. Compreende-se, pois, que uma névoa de evocadora tristeza envolva sempre as almas e as coisas em São João de Tarouca...

O interior da igreja, todo revestido de talha, pinturas, azulejos, é um precioso tesouro. Sóbredourada pelo sol da tarde, seduz e empolga tanto toda essa beleza antiga, que a gente chega a ter a ilusão de que os monges ficaram lá e estão ainda a rezar perto de nós...

Os quadros voltarão, como voltou à igreja de Miragaia, o tríptico do Espírito Santo, restaurado por Luciano Freire, a pedido de José de Figueiredo. O Estado em Portugal é hoje realmente uma pessoa de bem. Promete e cumpre.

Nisso confiam todas as pessoas que intervieram no caso, a começar no sr. D. Agostinho de Sousa, preclaro Bispo de Lamego, que se interessa profundamente pelo património artístico da sua querida diocese.

Correia Pinto

Graças de N. S. da Fátima NO CONTINENTE

O Sr. Jaime Pereira Ruivo — Hospital da Marinha — Lisboa, diz o seguinte, com pedido de publicação: — «No dia 18 de Setembro de 1935 comecei a sentir umas dores horripantes que me impossibilitavam de andar e de trabalhar. Consultei um enfermeiro que me aconselhou a fazer banhos semi-cúpios, o que não deu resultado, continuando a sentir cada vez maiores dores. Fui depois observado pelo médico sr. dr. Faro, que ordenou que eu fosse imediatamente hospitalizado. Uma vez no Hospital disseram-me que naturalmente iria ser operado. Vendo-me então tão aflito e com tantas dores, prometi a Nossa Senhora, se me livrasse da operação e das dores, mandar publicar esta grande graça e ir ao Santuário visitar Nossa Senhora e receber a Sagrada Comunhão. Não foi em vão que me dirigi a Nossa Senhora, que se dignou atender-me. Hoje sinto-me bem, e por isso venho cumprir a minha promessa com grande alegria por ter recebido tão grande favor».

D. Esmeralda Braga Ribeiro da Silva — Pôrto, deseja agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe concedido uma graça em favor de seu sobrinho João.

Artur da Conceição Rodrigues — Ferreira, diz o seguinte: — «Minha nora estava nas proximidades de dar à luz quando foi acometida de terribes dores e aflições, durante mais de 5 dias, sem que as dores e o mal estar afrouxassem um instante, supondo-se que succubisse em tamanhas aflições, o que julgo viria a dar-se se não houvesse uma graça especial do Céu.

Devo de Nossa Senhora da Fátima e tendo ouvido falar nos seus favores em benefício de tantos doentes, lembrei-me de lhe fazer uma novena pedindo a graça de minha nora sair de pressa daquela situação tão difícil.

Nossa Senhora foi extremamente bondosa para atender o meu pedido, poisque, passadas apenas 2 horas após o meu pedido, minha nora deu à luz com a maior das facilidades um menino chelo de vida, motivo porque desejo agradecer aqui publicamente tão grande favor».

D. Joaquina Ferreira Seixas — Carregado, deseja agradecer aqui 3 graças que recebeu por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria da Conceição S. Pinto — Táboa, vem agradecer a N. Senhora da Fátima o ter alcançado a um seu cunhado a graça de recuperar a vista que havia perdido quasi por completo.

Fôra já tratar-se a Coimbra mas

não alcançara as melhoras desejadas. Invocando então a protecção de Nossa Senhora em seu socorro alcançou as melhoras de que muito necessitava.

D. Atilia Branco Morais — Pôrto, diz: «Tendo sido acometida dumador tão violenta que me não deixava ter descanso, chamei o médico que declarou ser pedra enervada no rim. Recorri a Nossa Senhora da Fátima prometendo, se não fosse preciso fazer uso da cirurgia, publicar a graça na «Voz da Fátima», o que hoje venho fazer para cumprimento da minha promessa, que fôra atendida, e para maior glória da Santíssima Virgem».

Manuel Ferreira Vieira — Vizela, pede a seguinte publicação: — «Encontrava-me numa situação terrível por não conhecer a minha vocação. Recorri por isso a Nossa Senhora da Fátima que logo se dignou esclarecer-me no caminho a seguir. Por isso, do fundo da alma venho agradecer-lhe tão grande graça. Bemdita seja para sempre a Mãe de Deus que é também nossa Mãe misericordiosa».

Herculano Morante — Setúbal, diz: — «Uma ferida brava e crónica impedia-me os movimentos e o trabalho. Recorri confiadamente à Mãe Santíssima da Fátima prometendo publicar no seu jornal a minha cura se me curasse radicalmente.

Há mais de 6 meses que a ferida está completamente cicatrizada ficando apenas o seu sinal mas sem o mínimo incómodo, graças à protecção de Nossa Senhora. Vou mandar uma esmola como prometera também».

Joaquina de Mira Galvão — Beringel, diz ter alcançado de Nossa Senhora da Fátima duas graças em favor de dois doentes — João da Costa e Arnaldo Bolinhas. Sem esperanças já na medicina alcançaram a saúde logo que a Nossa Senhora foi confiada a sua cura que humanamente já não podia esperar-se.

D. Rosa de Almeida Monteiro — S. André de Canidelo — Gaia, desde o seu nascimento que era surda com grande desgosto para toda a família. Por intercessão de Nossa Senhora da Fátima obteve a cura tão desejada depois de inútilmente a ter procurada na medicina.

D. Luísa da Conceição — Portimão, diz: — «Já há bastante tempo que me sentia mal e sem poder movimentar-me. Começara já a tratar-me, mas sentia-me sempre da mesma forma. Level muitas injeções, e só passado muito tempo é que comecei a sentir pequenas melhoras mas já sem esperança de recuperar a saúde por completo. No entanto, recorrendo e pedindo Aquela a quem com razão chamam «a saúde dos enfermos», prometi publicar a minha cura na «Voz da Fátima» e rezar o terço, se em pouco tempo recuperasse a saúde.

Graças a esta boa Mãe os meus rogos foram ouvidos. Por isso, hoje venho muito grata e reconhecida cumprir a minha promessa e agradecer publicamente a Nossa Senhora a graça que me alcançou, poisque estou quasi completamente restabelecida».

D. Francisca Teodora de Oliveira — Vilar, diz que um dos seus netos deira um golpe num olho, julgando-o os médicos incurável. Um especialista que fôra consultar a Lisboa não dera também grandes esperanças de cura. No entanto, mediante o poder e bondade maternal de Nossa Senhora da Fátima, a quem confiaram o paciente, êste obtivera a cura do seu ferimento sem que daí adviessem complicações algumas para a vista.

D. Maria Teresa Botelho — Pôrto, diz: — «Venho patentear o meu mais profundo reconhecimento por diversas graças concedidas por intercessão de Nossa Senhora da Fátima».

D. Maria Albertina Botelho — Pôrto, escreve dizendo o seguinte: — «Cheia de reconhecimento para com a Mãe Santíssima e para sua maior

glória, venho declarar que tendo minha mãe gravemente doente, recorri a Nossa Senhora da Fátima fazendo uma novena e dando a minha mãe água do Santuário onde mandaria celebrar uma missa se minha mãe se curasse».

Agora que minha mãe se encontra já completamente curada venho manifestar o meu público reconhecimento pela concessão de tão grande favor».

D. Sofia da Conceição Figueiredo — Vila Nova de Ceira, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça que lhe pediu e que prometera publicar no seu jornalzinho caso lhe fosse concedida, como aconteceu, graças à protecção de Nossa Senhora.

D. Guilhermina R. de Sá — Fermoilã — Estarreja, deseja agradecer aqui o restabelecimento completo de seu filho que, por grande debilidade parecia não poder continuar os seus estudos.

Recomendando o caso a Nossa Senhora da Fátima, dentro em breve viu que seu filho começava a fortalecer-se com grande alegria para toda a família. Não tardou muito sem que pudesse de novo retomar os seus estudos como desejava».

D. Ana Alves Rocha Leão — Parades, agradece uma graça particular a N. S. da Fátima para cujo Santuário mandou uma esmola.

Agostinho Coelho de Sousa Barbosa — Mesão Frio, tendo obtido de N. S. da Fátima uma graça particular, vem com esta publicação e uma esmola agradecer tal favor.

NOS AÇORES

D. Branca de Leite Perry Nava — Faial — Açores, diz: — «Há perto de 2 anos — apareceu-me nas gengivas uma inflamação de mau carácter acompanhada de grandes dores. Depois de um tratamento infrutífero, resolvi recorrer a Nossa Senhora da Fátima prometendo-lhe publicar no seu jornal a minha cura se se dignasse atender-me.

Graças a tão boa Mãe, hoje sinto-me completamente curada! Por êste motivo venho muito reconhecida agradecer à Santíssima Virgem a grande graça que se dignou fazer-me».

D. Maria da Conceição Dutra Medeiros — Faial — Açores, vem agradecer a Nossa Senhora a cura de seu marido que, diz, sofrera horrivelmente durante 6 meses sem que a medicina soubesse aliviá-lo. Depois de, em seu favor, se recorrer a Nossa Senhora da Fátima por intermédio de S.ª Filomena e S. Gerardo Majela, bem de pressa recuperou a saúde que hoje deseja aqui agradecer.

O Rev. P.º André Avelino — Faial — Açores, escreve à «Voz da Fátima» pedindo as seguintes publicações de graças recebidas:

— D. Florinda Silveira da Rosa, muito reconhecida para com N.ª Senhora da Fátima, vem agradecer a graça da cura de uma sua cunhada, de uma grave doença que muito a afligia.

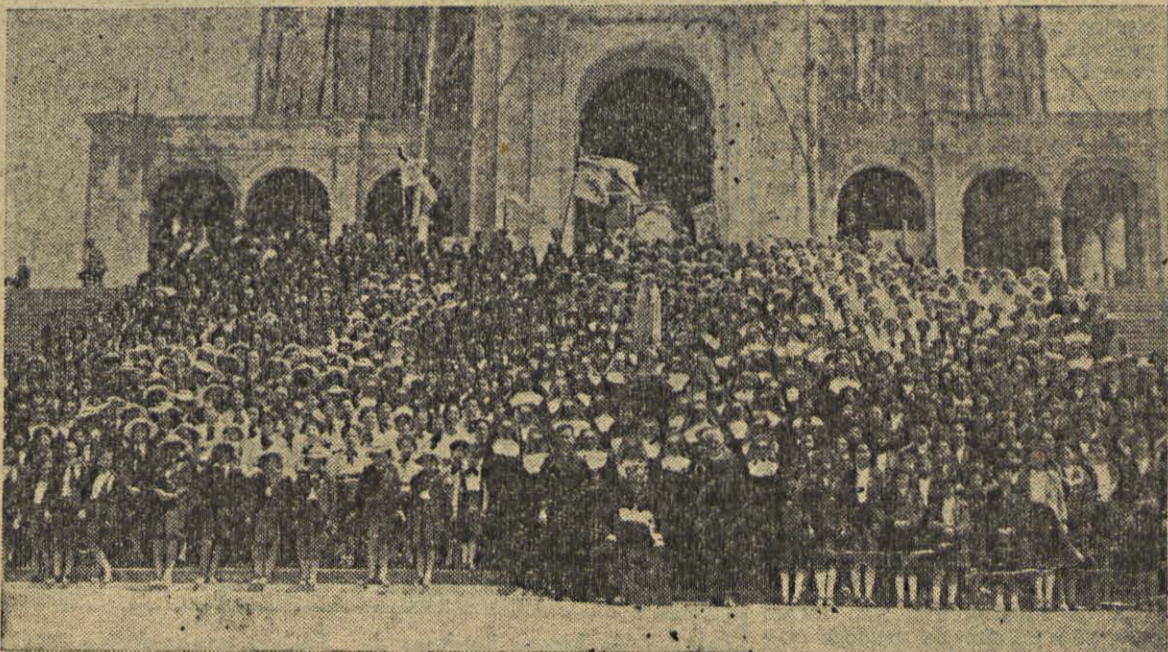
— D. Rosa Emilia do Coração de Jesus, agradece a N.ª Senhora da Fátima uma graça espiritual e outra temporal que obteve por seu intermédio.

— D. Maria Teresa, agradece a graça da conversão de seu pai que se achava afastado, há anos, do cumprimento de seus deveres cristãos, e a consolação de o ver confessar-se e comungar mais de uma vez antes de morrer.

— M. Goulart, agradece a N.ª Senhora da Fátima a graça que com muitas lágrimas pediu, — a confissão de seu pai, que há bastantes anos a não queria já fazer.

— Laura Goulart, a graça dumafeliz «délivrance» de sua irmã que se julgava irremediavelmente perdida, tal era o estado desesperado em que se encontrava!

— M. C. Goulart, a graça de ver transformado o seu lar pela mudança do mau humor dumapessoa de família que muito a afligia».



Alunas dos Colégios das Irmãs Franciscanas na peregrinação de 17, 18 e 19 de maio

CRÓNICA FINANCEIRA

Rearmamento moral

Os jornais do dia 16 do passado mês de Maio traziam a notícia telegráfica de se ter iniciado em Nova-Iorque, Toronto e Washington, a campanha para o rearmamento moral. Iniciaram-se os trabalhos com a participação de delegações da Inglaterra, Suécia, Noruega, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Suíça, França e Grécia, ou seja, com a fina-flor das democracias europeias. O movimento tem, portanto, um carácter acentuadamente democrático pois se realiza na maior democracia do mundo — os Estados Unidos da América do Norte, de colaboração com as mais ilustres democracias europeias. Mas que é que tem em vista este movimento? Que se quer significar com rearmamento moral?

Para 25 dos mais célebres desportistas do novo mundo, o rearmamento moral queria dizer o espírito desportivo aplicado em tudo, o desporto e os desportistas formando a trama do mundo novo.

Não nos parece que seja esta a verdadeira finalidade do movimento em questão. O desporto é uma forma de actividade muito simpática, muito interessante mesmo debaixo do ponto de vista físico e psíquico, mas em todo o caso, actividade secundária.

Para o presidente do Congresso das Trade Unions inglesas, «o rearmamento moral e a revitalização do espírito humano são as maiores necessidades das nações com o fim de restaurar a esperança no viver em comum dos povos, animados das mesmas intenções e permitir à Inglaterra e aos Estados Unidos realizar as mais elevadas esperanças das democracias».

Também nos não parece que o rearmamento moral seja esta salgaçada de ideias confusas que o presidente do Congresso das Trade Unions telegrafou para a América. Ao menos os desportistas foram claros no seu conceito. Tinham uma ideia nítida que exprimiram com clareza e sinceridade. O desporto é mais educativo do que a política, não haja dúvida. Este simples confronto no-lo mostra...

Numerosas mães de família enviaram um telegrama concebido nestes termos: «Estamos convosco no rearmamento moral com os nossos lares colocados sob o signo da pureza, da honestidade e do amor». Para estas, sim, que o rearmamento moral tem já significado digno de apreço. Para estas esclarecidas mães de família, o rearmamento moral é o fortalecimento das bases morais da sociedade doméstica: a pureza dos costumes, condição essencial de estabilidade do lar; amor recíproco, condição essencial da sua solidez; ho-

nestidade no proceder, condição indispensável para o seu prestígio e da boa harmonia social. Se o rearmamento moral fosse apenas isto, já seria muito; mas o rearmamento moral visa muito mais ampla esfera. Cordell Hull escreveu: «Depois da guerra deu-se um aboixamento geral da conduta moral, política e económica. Raras vezes a moral internacional terá descido a tão baixo nível. Chegou o momento urgente de se renovar e restaurar o porte dos indivíduos e dos Governos». Para Cordell Hull o rearmamento moral é a restauração da moral tradicional na vida privada e na pública.

Para La Guardia, «o rearmamento moral tem em vista o desenvolvimento das relações desinteressadas e honestas, maior vontade de trabalho em comum, para o bem geral, fé mais profunda em Deus». Foi La Guardia quem chegou ao âmago da questão. Honestidade, desinteresse, amor do trabalho e do bem comum, tudo isso é indispensável intensificar, mas para tanto é preciso uma fé mais profunda em Deus. E como não há fé verdadeira sem Cristo, o verdadeiro programa do rearmamento moral é restaurar tudo em Cristo. **INSTAURARE OMNIA IN CHRISTO!** Tal era a devise que S. S. Pio X, de santa e saudável memória, escolheu para o seu glorioso pontificado em 1903! Este é o único remédio para os males que ameaçam subverter a nossa brilhantíssima civilização. Por mais que procurem, não encontram outro. La Guardia tem razão.

Pacheco de Amorim

Peregrinações ao Santuário da Fátima

Tem havido este ano um movimento extraordinário de peregrinações ao Santuário da Fátima. Além doutras, enumeramos as seguintes:

Juventude Escolar e Universitária — cerca de 400 raparigas — nos dias 29 e 30 de abril.

Liga da Acção Católica Feminina — cerca de mil Senhoras nos dias 2 e 3 de maio.

Filhas de Maria do Corpo Santo, de Lisboa — 60 Senhoras — nos dias 4 e 5 de maio.

Representantes de 14 Colégios e Patronatos das Religiosas Franciscanas portuguesas, 730 meninas — nos dias 17, 18 e 19 de Maio.

Reiú das Dirigentes da Juventude Católica Feminina.

Na peregrinação de 12 e 13 de maio estiveram mais de 500 raparigas da Juventude Católica Feminina e Rapazes da Universidade de Coimbra.

FALA UM MÉDICO

XXXVII

Fome, peste e guerra

Andam sempre associados os três flagelos da humanidade.

Os chamados republicanos espanhóis pretenderam estabelecer a igualdade entre os homens, destruindo a religião, a propriedade e a família, e fazendo-os regressar ao estado de brutos.

Efectivamente, os «vermelhos» conseguiram a igualdade, mas não a felicidade: ficaram inteiramente nivelados, perfeitamente iguais, na sua espantosa miséria material e moral, revelada pela Retirada da Catalunha.

No seu número de 11 de Fevereiro deste ano, uma grande revista médica inglesa, pela pena de um seu correspondente que estacionava na Espanha vermelha, declarava que eram pavorosas as consequências do avanço do exército rebelde.

Mais de oitenta mil crianças passavam grave necessidade, por não serem alimentadas suficientemente.

Antes da guerra, o belo sol e a fartura que se gozava em Espanha tornavam desconhecido o raquitismo naquele abençoado país.

Estabelecido o governo marxista

em Barcelona, racionados os géneros, cada criança não podia utilizar mais de 250 gramas de leite e de 100 gramas de açúcar por semana.

O resultado foi instalar-se o raquitismo, de maneira endémica: mais de metade das crianças de menos de dois anos tornaram-se raquíticas.

Grande parte da população, cheia de privações, tornou-se anémica e muitos morreram à fome.

Várias doenças devidas à carência alimentar, tais como a pélagra alastraram pavorosamente.

Ficou demonstrada experimentalmente a excelência do comunismo no governo dos povos...

Ouvi há tempo uma bela e sombria canção russa: um general vitorioso falava, no campo de batalha, aos combatentes: «Caros soldados, deveis estar extenuados, depois do duro combate; sossegai, que nunca mais sereis mobilizados. Como prémio das vossas façanhas, ides descansar para sempre!»

O General tinha um nome muito feio: Chamava-se MORTE...

P. L.

ÀS MÃES

O poder da oração das mães

Pequenita ainda revelava piedade e amor à oração: era a primeira a lembrar a reza do terço que costumava fazer-se à noite depois da ceia, muitas vezes em volta da lareira juntamente com os criados, e, apesar do sono, nunca queria ir deitar-se sem o rezar. Muitas vezes as irmãs mais velhas a surpreendiam de noite a balbuciar o padre-nosso ou avé-Maria que o sono interrompera nos seus lábios. Tinha um coraçãozinho extraordinariamente sensível que sentia dolorosamente a dor alheia e que vibrava ao toque das mais nobres emoções. — No dia da sua primeira Comunhão fora sacudida por comoção estranha que a fizera chorar lágrimas de indizível alegria: era o primeiro contacto com o Senhor...

Muito tímida e retraída mas com uma imaginação fértil, como a de todas as crianças, não se cansava de estar só e o recanto da casa onde, muito sossegada, se entretinha com os seus toscos brinquedos, era um pequenino mundo animado e povoado pelo seu cérebro infantil e criador.

Tinha muito amor aos seus livros e a ansia de saber, de saber muito, tornava-lhe amena a aridez do estudo para que se sentia atraída. Fora levada por esse desejo de se instruir que tivera de partir para longe do convívio, do carinho e vigilância da família onde, até então, recebera uma sã e sólida educação cristã.

Os anos passam e pouco a pouco as leituras que devora sófregamente, leituras que não escolhe nem ninguém lhe proíbe, as companhias, as conversas, as palavras até de alguns mestres vão lentamente enfraquecendo e apagando a crença que bebera com o leite. O curto espaço das férias e a influência salutar da família não são já suficientes para neutralizar o envenenamento inconsistente, lento mas sempre progressivo da sua alma e das suas ideias.

Os anos passam e a fé praticamente é morta no coração daquela rapariga de 18 anos! Apenas de vez em quando, do mais profundo de todo o seu ser surge uma interrogação angustiosa: — Onde está afinal a Verdade? Quem poderá desfazer-me cabalmente as dúvidas que se adensam dentro de mim? — Mas esta voz interior fica sem resposta e é abafada por outras preocupações e praticamente não dá um passo para ir ao encontro da Verdade.

A-pesar-do seu mutismo e excessivo retraimento a mãe compreende, ou melhor adivinha, a crise horrível que a filha atravessa e o abismo profundo que ameaça tragá-la.

Oh! as mães, como elas sabem prescrutar os sentimentos mais íntimos do coração de seus filhos! Aflição, tenta todos os meios, todas as influências para fazer de novo ralar a luz naquela alma em trevas e desolação, mas tudo inútil. Perante a sua impotência, qual Mónica heróica e piedosa, vinha chorar aos pés do Senhor o afastamento de Deus da filha estremeçada; chorava e rezava perseverantemente para que a pobrezita recuperasse a fé de outrora; rogava incessantemente ao Senhor, Rei e centro de todos os corações, o regresso da ovelhita tresmalhada.

E as suas preces não foram em vão porque as orações sinceras e sentidas dum coração de mãe, fazem violência ao Coração de Jesus.

Talvez que Maria Santíssima, a mais sublime de todas as mães, compreendendo a sua angústia e condoendo-se da sua dor, apresentasse a Jesus, nas suas mãos puríssimas, as lágrimas daquela mãe aflita que pedira a fé para sua filha. E o Senhor, não sabendo resistir à intercessão de Sua própria Mãe, à Consoladora dos Aflitos, poisara docemente as Suas Mãos Deus.

divinas sobre a cegueira intima duma alma que imprudentemente se deixara cegar pela falsa luz.

O Mães cristãs, se vós soubésseis pedir, se vós soubésseis rezar com verdadeira fé e confiança, não lamentaríeis tantas vezes estérilmente os vossos filhos que erram longe do verdadeiro Caminho, longe de Deus.

Moss

O culto de Nossa Senhora da Fátima no estrangeiro

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

Estado da Georgia

Na nova cidade de Brunswick, deste Estado, há uma população relativamente grande de portugueses na sua maior parte pescadores.

Como não têm assistência religiosa por padres portugueses e desconhecendo a língua americana foram esquecendo as práticas religiosas, não assistindo à S.^a Missa, nem procurando a Igreja.

Lembraram-se então de mandar ir de Portugal uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

A Sr.^a D. Maria Teresa Martins em carta dirigida ao sr. Bispo de Leiria e um jornal da Georgia descrevem o entusiasmo de todos quando chegou a imagem.

Houve procissão e festa à moda portuguesa.

O andor era conduzido por 4 rapazes portugueses, seguido por Filhas de Maria, homens, mulheres e crianças também portuguesas.

A imagem foi colocada na Igreja de S. Francisco Xavier. Durante o trajecto cantaram os cânticos portugueses — Sobre os braços da azinheira, o Ave e outros.

O sr. Bispo e o Clero estavam impressionadíssimos dizendo que nunca tinham presenciado tanto entusiasmo e o Prelado, ao apertar a mão a cada um, dizia: «tenho muita pena de não saber falar português».

Formaram com licença da Autoridade eclesiástica duas Confrarias — uma de homens, e outra de mulheres.

O Sr. Bispo pregou ao Evangelho sobre as Aparições de Nossa Senhora em Fátima, em Portugal e mostrou a prosperidade e desenvolvimento económico e social deste país depois da grande graça que Nossa Senhora lhe concedeu.

A transformação que se deu entre os portugueses exilados foi extraordinária. Vão à igreja, não faltam à S.^a Missa e frequentam os Sacramentos.

Nossa Senhora os abençõe e os faça perseverar no amor à Religião Católica.



Estátua de Nossa Senhora da Fátima venerada na Igreja de S. Francisco Xavier, em Brunswick, Estado da Georgia, na América do Norte